

**ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR INSTITUTO
CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

FRANCIDILSO SILVA DO NASCIMENTO

**O CONCEITO DE PESSOA A PARTIR DA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE
EMMANUEL MOUNIER**

**TERESINA
2014**

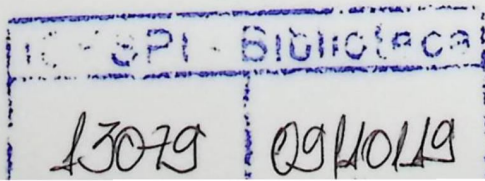
FRANCIDILSO SILVA DO NASCIMENTO

**O CONCEITO DE PESSOA A PARTIR DA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE
EMMANUEL MOUNIER**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí –
ICESPI como pré-requisito para obtenção de licenciatura
em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Amadeu
Matias Bernardes Filho.

cop. 5800
100
N244e
Ex. 01

TERESINA
2014



FRANCIDILSO SILVA DO NASCIMENTO

**O CONCEITO DE PESSOA A PARTIR DA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE
EMMANUEL MOUNIER**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como pré-requisito para obtenção de licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho.

Data de Aprovação: **05 de dezembro de 2014**

Prof. Ms. Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho
Orientador

Prof. Dr. Pe. Wellistony C. Viana

Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres

Conceito: _____

A Deus, à minha família, formadores e meus irmãos de caminhada.

RESUMO

RESUMEN: Francisco Siza de O. *O Universo da Pessoa e suas perspectivas filosóficas de Emmanuel Mounier. Tradução de Cândido de Uchoa* - FFLCH - USP. Universidade de São Paulo, 1972. 1 volume.

O presente trabalho tem por objecto de compreender o conceito de pessoa segundo as perspectivas filosóficas de Emmanuel Mounier, partindo das ideias básicas de pessoa, os seus significativos, as funções da pessoa. Esta perspectiva pretende a realização da pessoa como pessoa. Para isso, é necessário compreender a natureza da personalidade e a individualidade. Finalmente a pessoa em sua dimensão pessoal, humana e comunitária, respondendo aos desafios do novo tempo, como o ser da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa - Emmanuel Mounier - Filosofia - Humanismo - Comunidade - Globalização.

A pessoa só se encontra quando se perde. A sua fortuna é o que lhe fica quando se despojou de tudo o que tinha – o que lhe fica à hora da morte. (Emmanuel Mounier, O Personalismo)

RESUMO

NASCIMENTO, Francidilso Silva do. O Conceito de Pessoa a partir da perspectiva filosófica de Emmanuel Mounier. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. 2014. Licenciatura em Filosofia. ICESPI. Teresina.

O presente trabalho tem pretensão de compreender o conceito de pessoa segundo a perspectiva filosófica de Emmanuel Mounier, partindo das várias visões de pessoa, ou as mais significativas, na história da filosofia. Esta perspectiva pretende a realização da pessoa com outrem. Para isso, é necessário romper com as amarras do consumismo e individualismo. Valorizamos a pessoa em suas dimensões (vocação, encarnação e comunhão) respondendo aos desafios do nosso tempo, como é o caso da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa – Emmanuel Mounier – Vocação - Encarnação – Comunicação – Comunhão.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Francidilso Silva. The Person Concept from the philosophical perspective of Emmanuel Mounier. Work Course Conclusion - WCC. 39f. 2014. Degree in Philosophy. ICESPI. Teresina.

This work has claim to understand the concept of person according to the philosophical perspective of Emmanuel Mounier, based on the various views of person, or the most significant in the history of philosophy. This position would seek the fulfillment of the person with others. Therefore, it is necessary to break with the bonds of consumerism and individualism. We value the person in its dimensions (vocation, incarnation and communion) responding to the challenges of our time, as in the case of globalization.

KEYWORDS: Person - Emmanuel Mounier - Vocation - Incarnation - Communication - Communion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I: ABORDAGEM HISTÓRICA DO CONCEITO DE PESSOA	11
1. 1. A Concepção de pessoa na Antiguidade	11
1. 2. A Visão Patrística Latina e a Idade Média	12
1. 3. A Visão Moderna da Pessoa.....	14
1. 4. A Visão Contemporânea.....	15
CAPÍTULO II: O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER E A CONCEPÇÃO DE PESSOA.....	19
2.1. O Personalismo de Emmanuel Mounier sua origem e características principais	19
2. 2. A Concepção de Pessoa de Emmanuel Mounier	21
2. 3. As dimensões da Pessoa Humana	24
1) Vocação.....	25
2) Encarnação	26
3) Comunhão	27
CONCLUSÃO	29
ANEXO	31
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Diante da sociedade hodierna somos convidados a refletir sobre o que é realmente ser pessoa. Será que ser pessoa humana quer dizer alguma coisa, hoje? O que determina o ser pessoa? Certamente, para nós, várias respostas surgem para as indagações que fizemos anteriormente; no entanto, emerge um sentimento de insegurança, pois hoje, somos confundidos por valores desvirtuados que renegam o ser do homem como pessoa humana.

No longo percurso acadêmico traçado em três anos, fomos motivados a querer dar uma resposta á pergunta: quem é o homem? Várias foram as respostas para tentar descrevê-lo, mas o questionamento perdura, no âmago de nossos pensamentos e sentimentos, pois não conseguimos respondê-la satisfatoriamente, por que ainda em nós existe o desejo de encontrar a resposta que precisamos para cessar o nosso peregrinar em busca de nós mesmos.

O trabalho que elaboramos, constitui-se em mais uma tentativa de fazer essa viagem em torno do ser do homem e responder quem é ele; porém não pretendemos aprofundar-nos em todas as dimensões do homem, mas no ser do homem enquanto **PESSOA HUMANA**, isso por sermos cientes da sua complexidade e magnitude.

Não pretendemos, aqui, tomar as várias visões, mas aqui nos deteremos, unicamente, a perspectiva de **Emmanuel Mounier**, que nos ajudará em uma reflexão acerca da pessoa humana, mas basicamente numa tentativa de valorizar o conceito na contemporaneidade e a responder os desafios da Igreja da América-Latina e do Caribe fortalecendo a visão da pessoa apresentada no Documento de Aparecida (DA).

Temos consciência que todas as perspectivas filosóficas devem ser entendidas em um contexto histórico, pois este tem como alicerce a figura do homem, que dentre vários aspectos é tido como ser que constrói e reconstrói a história. Neste sentido, não podemos iniciar o estudo da pessoa humana sem antes compreender a evolução histórica do pensamento daqueles que analisaram o que realmente é o ser pessoa.

Para realizar a proposta acima feita é necessário recorreremos a Pedro DalleNogare onde encontramos as bases para um melhor aprofundamento das várias influências que recebeu o

conceito de pessoa ao longo do tempo, além dele, temos que recorrer a B. Mondin, Giovanni Reale, Nunzio Galantino, Lima Vaz, Orlando Vilela, o próprio E. Mounier e vários outros autores, que servem de base teórica para desenvolver a temática proposta.

Além disso, não podemos prescindir dos conceitos de personalismo, indivíduo, comunicação, compromisso, engajamento, vocação, encarnação, comunidade, liberdade; para tanto, temos como fonte principal a obra de E. Mounier: *O Personalismo*.

O nosso tema não constitui uma novidade, pois ao longo dos tempos, mormente, com Sócrates. ("Conhece-te a ti mesmo") se começou a procura do ser do homem. No entanto, é mister recordar que só na Idade Medieval, quando Santo Tomás analisando a definição de pessoa dada por Boécio, é que se tornou um tema relevante, pois fomos colocados diante deste enigma do ser pessoa humana. Com o passar do tempo foi se perdendo a importância até chegarmos a consumação da sua desvalorização, hoje a Igreja procura valorizar a pessoa em sua ação evangelizadora retomando as suas dimensões, como meio de enfrentar as suas dificuldades, para realização de tal finalidade.

Nesse sentido nos propomos a discutir os seguintes problemas: **O conceito de pessoa Humana perdeu seu valor ao longo do tempo e, hoje, como ele se encontra? A pessoa humana está voltada para o seu interior ou o que conta são os fatores externos como: o capital, fama, prazer, etc.? As Pessoas perderam o sentimento de comunhão e deram lugar a individualismo?** Estes são os problemas para os quais procuraremos respostas que ajudem a uma reflexão mais apurada sobre a importância da Pessoa Humana.

As nossas motivações para desenvolver esse trabalho basear-se naquilo que a Igreja Católica nos apresenta em sua doutrina como ponto de partida de toda ação evangelizadora: a pessoa. Além disso este tema nos fascinou pela sua complexidade e pela sua grandeza, nos ajudando a nos compreender como pessoa e o outro. Assim, podemos ajudar a melhorar através de nosso testemunho a sociedade promovendo a pessoa tanto subjetivamente como comunitariamente.

Nesse trabalho nos preocuparemos em **Promover um aprofundamento do conceito de Pessoa Humana à sociedade contemporânea, oferecendo pontos de reflexão que ajudem a refletir sobre a importância da Pessoa.** Procurar definir o conceito de pessoa humana, para encontrar um melhor modo de trabalhar as ações pastorais, fazendo da perspectiva de Emmanuel Mounier um subsídio para melhor encarar os desafios do ser pessoa.

Contudo, percorremos a história do conceito tendo como referencia os filósofos que ao longo da história da filosofia, pelo menos esboçaram uma filosofia personalista ou a

CAPÍTULO I

ABORDAGEM HISTÓRICA DO CONCEITO DE PESSOA

1.1 A Concepção do Conceito de Pessoa na Antiguidade

Nesse período não temos um conceito claro de pessoa nem podemos dizer que, nele o termo pessoa apareça de forma explícita. Mas existe dentro da filosofia grega um bojo daquilo que, mais a frente, será realçado pela filosofia cristã nas várias disputas teológicas.

Apesar de alguns autores dizerem que "a visão do homem como pessoa não deve, ser procurada na filosofia grega, ela é uma criação do cristianismo."¹ Neste trabalho tentaremos provar que o conceito de pessoa começa, justamente, com Sócrates, ou até mesmo antes dele com Heráclito. E o próprio termo, pessoa, tem sua origem no período que, ora, examinamos.

Heráclito, no nosso entendimento, é aquele que abre um novo tempo para o conhecimento do homem, embora se encontre ainda no âmbito cosmológico do conhecimento. E presente em seus escritos um anseio de encontrar-se e, conseqüentemente, encontrar o princípio primeiro de tudo.

"Busquei a mim mesmo".² Este pequeno fragmento demonstra a necessidade de conhecer-se, para conhecer as outras essências, é necessário encontrar-se, pois só assim conseguiremos construir o edifício do saber. Na mesma linha do filósofo citado, anteriormente, Sócrates enfatiza a frase do frontispício de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo", pois, para ele, o indivíduo é responsável pelo seu conhecimento e, a partir daí, o método do diálogo se apresenta como o modo de concretamente tomar o indivíduo consciente de si.

Diferentemente dos filósofos da *physis*, que se fixaram na busca do princípio do ser, foi Sócrates que colocou o ser humano como o ponto de partida do conhecimento. Ele assume

¹ GARCÍA RÚBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 246.

² OS PENSAMENTOS ORIGINÁRIOS: Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Tradução por Emmanuel Carneiro Leão e Sergio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991. n. 101 p. 85.

a sua condição de criatura e se põe numa atitude de buscar a razão primeira do seu existir no mundo.

Apesar de não termos nesse período uma concepção elaborada de pessoa, já temos o "embrião" desse termo, pessoa. Sócrates se percebe não apenas como exterioridade, mas se afirma como interioridade, que mais na frente será crucial para a defesa da pessoa na contemporaneidade.

O termo pessoa provém do grego "*prósopon* (προς - ὄπον), que era a máscara que o ator grego colocava a frente de seu próprio rosto, adaptando o rosto de um personagem. Deste modo, a máscara revela sua exterioridade, porém, enquanto rosto, a interioridade pessoal é ocultada por ela."³ Além do mais, na antiguidade, como foi enfatizado acima, encontra-se a concepção do conceito de pessoa na forma "embrionária", portanto reafirmamos a importância de estudar a filosofia grega, para assim, termos ferramentas para prosseguir com o estudo da manifestação do conceito de pessoa, elaborado pelos padres da Igreja e os outros vários homens que reforçaram tal empreitada e, outros, que tentaram enfraquecer.

1.2 A Visão Patrística Latina e a Idade Média

Esse período é tido como um dos períodos mais conturbados da história, pois nele existiam muitas dificuldades como, por exemplo: a seleção dos textos bíblicos; vários níveis de compreensão dos textos bíblicos; problemas teológicos que envolveram importantes conceitos filosóficos como os de Trindade; Encarnação; Liberdade e Graça; relação entre fé e razão.⁴ Portanto, foi a partir de então que surge o conceito de pessoa no âmbito teológica com relevância filosófica.

As disputas teológicas acerca da Trindade emergiram, profusamente, devido as tentativa de entender a relação Trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo. E assim surgiram várias visões que, a seu modo, tentaram explicar como se dava essa relação. Porém, a maioria delas ia contra os fundamentos da fé católica. A que mais nos chamou atenção foi a defesa modalista que "aplicando à Trindade o termo *prósopon*, tal como o termo *persona*, dava a impressão de que a fé cristã confessava que o Pai, o Filho e Espírito Santo eram tão somente funções, papéis ou até meros modos de expressão do início Princípio. Estaríamos, assim, no domínio do aparente, e Deus, em si mesmo, não seria o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Que

³ MORENO VILLA, Mariano. *El hombre como Persona*. Madrid: Caparrós, 1995. p. 15

⁴cf. REALE, Giovanni; ANTIRIERI, Dário. *História da Filosofia*. v. 3. 9 ed. São Paulo: Paulus, 1990. p.400 - 401.

dizer, na realidade, não seria um Deus trino, mas um Deus solitário, tal como o deus dos filósofos."⁵

Com as disputas teológicas e, principalmente, a citada anteriormente, podemos perceber que a nomenclatura do mistério acerca da pessoa divina está ligada a outros mistérios e esses por sua vez contribuíram para a formulação do conceito de pessoa.⁶ Para tanto, apresentaremos as defesas mais relevantes.

Santo Agostinho foi o primeiro a examinar, rigorosamente, o conceito de pessoa. A pretensão de Agostinho era descobrir um termo que, sendo, aplicado ao Pai, Filho e Espírito Santo diferenciaria cada um, mas sem dividi-los. Para isso, Agostinho vai demonstrar que os termos essência e substância são provenientes do termo grego *hipóstase* e ao seu correlativo latino, pessoa; o qual não significa uma espécie, mas algo de singular e individual.⁷ Mas a descoberta mais significativa da Trindade, na vida dele, acontece quando conseguindo penetrar no mais íntimo de si mesmo, encontra-se. "O homem interior é imagem de Deus e da Trindade".⁸ Essa descoberta do Santo de Hipona o fez reconhecer-se como imagem de Deus. O entrar em si é, para ele, o momento do encontro com Deus, pois a alma é o reflexo de Deus nos homens.⁹

A primeira definição propriamente dita do que seja pessoa [humana] surge com Boécio: "Persona est natura rationalis individua substantia" (Pessoa é a substância individual de natureza racional).¹⁰ A singularidade desta definição em relação as outras que apareceram e que essa não pode ser aplicada às pessoas divinas, pelo fato, de toda a sua conceituação colocar na racionalidade a individualidade da pessoa. O conceito boeciano é um conceito que estagna a Trindade Santa, nesse conceito não acontece relação nenhuma e, por isso, não se poder aplicar a Deus.

Depois de grandes impasses a respeito do conceito cunhado por Boécio, surge São Tomás que corrige o conceito focalizando aspectos da realidade da pessoa, como: a) independência, expressa pela subsistência, b) a singularidade; c) a abertura a realidade, caráter transcendente. Assim, para São Tomás, a pessoa aparece como o ser mais perfeito do universo, pois nela encontra-se a racionalidade, propiciadora da dignidade que nela existe.¹¹

⁵ GARCÍA RÚBIO, Alfonso. **Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1089. p. 247

⁶ cf. MONDIN, Batista. **O Homem que é ele?: Elementos de antropologia filosófica**, p. 292-293. passim

⁷ cf. Ibidem

⁸ cf. REALE; ANTIRIERI, op. cit., p.438

⁹ Ibidem

¹⁰ GARCÍA RÚBIO, op. cit., p. 247.

¹¹ DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismo e Anti-Humanismos: introdução à antropologia Filosófica**. 13. ed. Petropolis: Vozes, 1994.

Na Suma Teológica, o Doutor Angélico, nos apresenta a sua conceituação de pessoa. "Subsistente individual de natureza racional".¹² Tomás, nesse conceito apresenta para nós um elemento novo que em Boécio não se vê: o da subsistência. A pessoa se manifesta em si e por si. Não podemos abarcá-la, circunscrevê-la e por isso é subsistente.

1.3 A Visão Moderna da Pessoa

A Idade Moderna apresenta-se como um período de grandes revoluções: cosmológica, antropológica, científica e filosófica. Mas, estes momentos de revolução foram estabelecidos da seguinte forma: 1) momento propedêutico; 2) momento da revolução propriamente dita; 3) momento da pós-revolução.

No primeiro momento tido como introdutório ou inicial se dá a "quebra" das argumentações que eram tidas como verdadeiras e que são experienciadas pela ciência especulativa, por exemplo, as observações astronômicas de Galileu. Depois, temos o momento da revolução, propriamente, baseado nas observações e nas argumentações para defender a novidade encontrada, apresenta-se o novo paradigma encontrado e assim a teoria anterior não é mais válida para a comunidade. E, por último, temos as consequências da revolução que se resumem em uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, numa nova visão antropológica.

A revolução da modernidade começou com a crise da teoria geocêntrica, herança aristotélica defendida pela Igreja na idade média, e a propugnação da teoria heliocêntrica de Galileu Galilei. Com essa teoria o foco de luz mudou de direção, pois a vida dos homens estava completamente baseada em um único princípio: Deus. Ele era a razão, o motivo e o fim de todas as ações. Ele era o centro de todo o existir humano. Porém, o homem toma o lugar outrora ocupado por Deus e torna-se a razão ordenadora do cosmo, aquele que é capaz de dominá-lo.

Assim, na modernidade, depois de Galileu, irrompem vários nomes que se colocam na vanguarda da defesa dessa concepção do homem como o dominador do cosmos, mas existem outros que tentam mostrar ao homem seu lugar diante da grandiosidade que é o universo e da pequenez que é o homem em relação ao mundo.

Um dos que mais se destacaram foi René Descartes, pela ruptura com os métodos tradicionais e formulação de um novo método. Também destacamos o "cogito", que é a

¹² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2001. 11 v.

demonstração do protagonismo do homem e é sobre esse ponto que ele constrói a sua teoria do conhecimento.

Destarte, em seu destaque demasiado ao sujeito faz do homem um ser fechado na imanência e na contingência do conhecimento adquirido. Assim não podemos pensar num conceito de pessoa que supra a nossa pretensão de um ser relacional para com o outro, na filosofia cartesiana, pois não existe urna relação aberta mas apenas um ser que se isola no mundo elucubrativo.

Posteriormente, Pascal coloca-se contra Descartes pelo fato de sua filosofia fechar o sujeito, de forma tal que sua vida se transforme em um cálculo, do qual já sabemos o resultado. Para Pascal, Descartes não compreendeu quem realmente é diante da natureza, ficando apenas em resoluções de cálculos ou pensamentos exatos. Pois, se tivesse compreendido não se colocaria como o grande ordenador do cosmo; por que não somos mais que caniços que pensam, por tanto um nada em relação ao tudo e um tudo em relação ao nada.¹³

Outro pensador que gostaria de destacar é Immanuel Kant. Ele é um dos que nos deu um conceito de pessoa dentro da crise da modernidade que respondeu à altura a crise pela qual passava tal conceito na modernidade. Com Kant a pessoa toma-se fim de todo o agir moral e jurídico, é com ele que se evidencia a dignidade que lhe é própria. Porém, a dignidade da pessoa em Kant é resumida, justamente, na ação moral. Portanto, quem não age moralmente correto pede sua dignidade.

Nunca a pessoa foi celebrada com acentos mais elevados do que quando Kant a proclamou, numas fórmulas do imperativo categórico, como fim absoluto, jamais portanto utilizável simplesmente como meio; e do que fez da pessoa concretamente existente, sujeito da lei, objeto daquele sentimento que é único a possuímos a priori e que, tendo como sede a razão pura prática e por objeto a lei, estende-se ao sujeito da lei desde que se mostre como exemplar da lei cumprida: o respeito.¹⁴

1.4 A Visão Contemporânea

No período moderno assistimos a um prenúncio daquilo que agora se configura de maneira mais intensa à crise do conceito de pessoa. Apesar de Kant colocar a pessoa no centro do universo moral e elaborar uma concepção que, ainda hoje, desafia muitos sistemas

¹³ cf. PASCAL, Blaise. *Os Pensamentos*. Tradução por Alcantrara Silveira. São Paulo: Vozes, 1989. p. 55

¹⁴ DALLE NOGARE, op. cit., p. 151.

filosóficos, a fazer uma filosofia que seja, de certo modo, satisfatória a pessoa - como citamos acima. Não conseguimos conter as bruscas investidas contra a pessoa.

Logo após Kant, temos a crise do oitocento quando sobressai a subjetividade sobre todos os outros aspectos. Essa predominância da subjetividade na contemporaneidade é mais profunda que na modernidade, pois com Descartes o eu se descobre e quer trilhar um caminho (método) que chegue à verdade; já na contemporaneidade, o eu não mais apenas quer buscar a verdade, ele quer se construir a si e ao mundo, esta ideia é enfatizada, mormente, por Fichte.

Hegel, na sua concepção de pessoa, colocar-se na tentativa de estabelecer a pessoa como uma simples representação. A pessoa é espírito abstrato. Assim, a filosofia hegeliana adere à concepção kantiana de liberdade como diz Lima Vaz: "A liberdade, nessa sua significação absoluta, é a realização efetiva do conceito."¹⁵

Contrária à ideia hegeliana de idealização do mundo, surge, no cenário contemporâneo, a figura de Marx que, contrapondo-se a Hegel apresenta-nos um projeto filosófico realista que propugna a perspectiva do homem como construtor de sua realidade histórica. Essa construção para Marx não ocorre de outra forma senão pela luta de classe. Marx entende que a construção do mundo não passa apenas pelo coração, mas depende das mãos, por tanto, não se pode pensar o homem, sem a luta pela própria subsistência, por seus direitos, por uma sociedade sem classe.

Aqui acontece a ruptura com o sistema hegeliano. Pois se com Hegel temos uma exacerbação do indivíduo na representação do mundo e de si, com Marx quem tem a primazia e o Estado, o indivíduo é abafado pelos ecos da supremacia do Estado. Em Marx, enquanto temos uma suspensão do Estado o indivíduo é colocado em última instância. Pois, só é valorizado aquele que se coloca à disposição do proletariado para lutar por uma sociedade sem classe.

Mesmo assim com a concepção imanente de Marx, perdurou a visão hegeliana que os espiritualistas levaram a cabo. A filosofia espiritualista colocou-se nessa tentativa de resgatar o que é espiritual. No entanto, como Marx que se colocou na exacerbação do material o espiritualismo, da mesma forma, ressaltou o espírito.

Para o espiritualismo, é o espírito (no caso a consciência) que transmite a força para o corpo, para a matéria, como afirma Maine Biran.¹⁶ Essa consciência se revela na vontade. E, assim, a pessoa se reduz a vontade. O pensamento de Biran, influenciou, e muito, o pensamento espiritualista posterior, principalmente, o de Bergson. Ele, no seu tempo, tentou

¹⁵ LIMA VAZ, Henrique Claudio. *Antropologia Filosófica II*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 112.

¹⁶ REALE; ANTIRIERI, op. cit., p. 710.

combater o positivismo que reduzia a vida à materialidade. Então, assume como dever defender o caráter espiritual da vida humana tendo como objetivo a "defesa da criatividade e da irredutibilidade da consciência ou espírito contra toda tentativa reducionista de matriz positivista."¹⁷

Bergson dentro de sua pretensão de retomar o aspecto espiritual, enfraquecido pelo reducionismo científico, trabalha, diferentemente dos outros espiritualistas, pelo fato dele não desprezar a dimensão corporal da pessoa.

[A] sua peculiaridade precisamente por que ele, a fim de entender plenamente a vida concreta da consciência, faz seus os resultados da ciência e não minimiza em absoluto a presença do corpo e a existência do universo material.¹⁸

Assim podemos dizer que, no espiritualismo, a pessoa é tomada como ser consciente que se manifesta, espiritualmente, através da matéria. Assim, a transformação da matéria se dá pelo espírito criativo que impulsiona a pessoa a viver, enquanto tal, para si e para os outros, numa atitude de comunhão.

Um dos pensadores que influenciaram os autores do nosso século, como é o caso dos existencialistas pós-modernos: Heidegger e Sartre; foi Kierkegaard que se põe contra as filosofias hegeliana e marxista da universalização. Ele as percebe como inconsistentes pelo fato de se distanciarem da existência.¹⁹ Kierkegaard atribui importância à singularidade e, podemos dizer que, para ele, é nela que o conceito de pessoa habita.

Somente o homem singular vale mais que a espécie, ao contrário o que acontece entre os animais, onde o indivíduo vale sempre menos que a espécie. Somente o singular humano tem consciência de sua singularidade.²⁰

Com Kierkegaard temos o início do existencialismo, corrente que, de certo modo, influenciou a filosofia do nosso tempo, tendo como principais representantes, Heidegger; Sartre; e o cristão, Gabriel Marcel.

¹⁷ Idem, p. 710.

¹⁸ DALLE NOGARE, op. cit., p. 68.

¹⁹ Idem, p. 120.

²⁰ Ibidem, p. 128.

Heidegger se colocou o problema do sentido do ser como possibilidade, modo de ser da existência como escolha, ou melhor autoconstrução. Nesse aspecto, todos os homens são projetos que se realizam na medida que se entende como possibilidade e se lança na sua autoconstrução e a construção do mundo. Heidegger se manifesta como aquele que se preocupa com a busca de si, admite a necessidade dos outros para a realização do seu projeto no mundo.

[...] Assim como o ser-no-mundo do homem se expressa pelo cuidar das coisas, do mesmo modo o seu ser-com-os-outros se expressa pelo cuidar dos outros, coisa que constitui a estrutura basilar de toda possível relação entre os homens.²¹

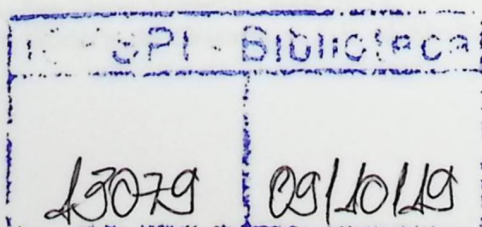
O outro filósofo que destacamos é Jean Paul Sartre que dentro de sua perspectiva coloca a pessoa como autoconstrutora e independente do outro, pois ser pessoa é confrontar-se com o diferente, sem permiti-lhe que roube a liberdade humana. "Os outros são o inferno". Com seu olhar "alheio me fixa e me paralisa, ao passo que, quando o outro estar ausente, eu era livre, isto é, era sujeito e não objeto."²² Desta forma, Sartre despreza o outro e sua contribuição para a construção do ser pessoa.

Já Gabriel Marcel procurou levar o homem para dentro de si e reconhecer-se como pessoa. Primeiro, fazendo-o sentir-se chamado por um Tu absoluto a responsabilidade de ser fiel, pois é o amor a realização concreta do ser pessoa no mundo e para o outro.

Até aqui a nossa pretensão foi ressaltar as diversas visões acerca do conceito de pessoa e as concepções sobre o conceito de pessoa. Porém essa nossa incursão pretendeu servir de base para passarmos a uma perspectiva mais específica, a do filósofo francês Emmanuel Mounier, dando centralidade à pensamento cuja base é exatamente a noção de pessoa.

²¹ REALE; ANTIRIERI, op. cit., p. 585

²² Idem, p. 609.



CAPÍTULO II

O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER E A CONCEPÇÃO DE PESSOA

2.1 O Personalismo de Emmanuel Mounier: sua origem e características principais

O movimento personalista nasceu a partir da crise que surgiu, em 1929, com a queda da bolsa de valores em Nova Iorque, em meio as crise espiritual e econômica que se encontrava a Europa. No entanto como resolução a esse embate material e espiritual aparece o personalismo, como resposta à crise, ao mesmo tempo, espiritual e material.

"O termo personalismo é relativamente recente. Renouvier empregou-o em 1903, para classificar a sua filosofia, caindo depois em desuso"¹. Porém, só mais a diante, em 1930, temos a retomada das questões por Emmanuel Mounier, em quem nos deteremos a partir daqui, e a revista *Espirit*. "Situando-se no leito da tradição introspectiva típica da filosofia francesa de Descartes em diante, apresentado precursores como Sócrates, Leibniz e Kant, Pascal, Maine duBiran e encontra concordâncias substancias com não poucas ideias de Max Scheler e Martin Buber."²

O personalismo não é uma novidade pelo fato de o universo da pessoa ser o mesmo do homem e, como vimos anteriormente, ha um percurso que lhe caracteriza enquanto tal. "O universo da pessoa é o universo do homem. Seria de espantar que se tivesse esperado pelo século XX para o explorar, mesmo como outros nomes. O mais atual personalismo insere-se, (...), numa longa tradicao."³

O personalismo mounieriano se alimenta filosoficamente do existencialismo, porém existem diferenças consideráveis que destacamos:

¹ MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 13.

² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da Filosofia**. v. 3. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1990. p. 728.

³ Idem, p. 13.

Seu projeto principal de ação histórica, sua intenção pedagógica e sua preocupação ético-política e também sua recusa a uma descrição unilateral, ao mesmo tempo que seu cristianismo profundo, vão orientar sua opção dando ao personalismo uma inflexão positiva e finalmente otimista (...)²⁷

O personalismo foge a toda pretensão de previsibilidade, pelo seu próprio ponto de partida a pessoa. Não podemos querer, nele, encontrar a sistematização, que estamos acostumados, mecanizada e apresentadora de soluções. Portanto, podemos dizer: "o personalismo é uma filosofia, não é apenas uma atitude. É uma filosofia, não é um sistema."⁴

Essa corrente filosófica distingue-se em duas correntes no personalismo moderno. O personalismo americano defendido por autores como J. Royce, B. P. Bowne, A. C. Knudson, M. W. Calkins que tinha como veículo de expressão a revista *Personalismo* editada por R. T. Flewelling e o personalismo europeu, principalmente o francês, que se inspira em correntes espiritualistas e no existencialismo de raiz kierkegaardiana, sobre a influência de autores como: Bergson, Blondel, Maritain, Marcel e Berdiaev.⁵

A característica fundamental do personalismo é a posição a todo tipo de materialismo e espiritualismo, que reduzem a pessoa e espírito ou ao corpo. Essas características são expressas pela subsistência e independência em seu ser, sendo a primeira mantida pela adesão a valores livremente adaptados, assimilados e vividos na responsabilidade e em uma constante conversão; retomada da antropologia cristã concebendo Deus como ser pessoal; e, por último, a relação com o outro nunca é meio e sim um fim em si mesmo.

Todas essas características têm pretensões de dar ao indivíduo a condição de se tornar pessoa. Essa pessoa é privada de exercer tal condição pelo fato da "desordem estabelecida", mantida pelo mundo moderno, mais precisamente pela civilização burguesa e individualista causando, assim, "a impossibilidade, para um indivíduo, de alcançar harmoniosamente a condição de pessoa".⁶

Uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espíritos são orientados para a realização, como pessoa, de cada um dos indivíduos que a compõem. E em que as coletividades naturais são reconhecidas, na sua realidade e na sua finalidade própria - diferentemente da simples soma dos interesses individuais e superior aos interesses do indivíduo considerado apenas materialmente - e que tem por finalidades dar a cada pessoa a

⁴ Idem, p. 14.

⁵ Cf. MORATÓ, Jordi Cortés; RIU, Antoni Martínez. *Personalismo*. In: _____. *Diccionario de filosofia*. Barcelona: Herder S.A, 1996. CD-Rom.

⁶ VV.AA. Jean Marie Domenach (org.) at el. *A Presença de Mounier*. São Paulo, 1969.

possibilidade de viver como pessoa, isto é, poder alcançar o Máximo de iniciativa, de responsabilidade, de vida espiritual."

2.2 A Concepção de Pessoa Emmanuel Mounier

Como vimos nos tópicos anteriores a pessoa foi concebida de diversas formas: por uns como imagem de Deus, por outros como realidade solipsista, etc. Enfim, fomos trilhando esse caminho e, aqui, chegamos a um "caminhar" mais exigente que é a compreensão da pessoa a partir de Mounier, seguindo sua trajetória filosófica.

É necessário compreender que não queremos definir a pessoa. O que vamos fazer é evidenciar, trazer à tona, o real sentido de pessoa. Por isso, não iremos definir o termo pelo fato de isso significar uma maneira de fecharmos ou circunscrever a pessoa a ideias deterministas e reducionistas. A definição limita toda a riqueza da pessoa em si e para os outros.

A pessoa não é completamente indefinível. O que sabemos sobre ela nos conduz a uma busca mais profunda sobre complexidade da questão está, justamente, nas circunstâncias de o observador ser observado. Mas, mesmo assim, é necessário esse conhecimento para que possamos ter um entendimento mais profundo sobre o que somos e o que devemos ser.

No livro, o *Personalismo*, Mounier nos apresenta como ponto inicial a questão da pessoa como existência incorporada. Não dá para se chegar a compreensão do homem como pessoa se não o percebemos como corpo, natureza, matéria: "O homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente espírito."⁷

Nesse ponto a pretender-se reafirmar que a pessoa não é só corpo, nem só espírito. Isso é um esforço para combater o dualismo reinante entre o corpo e alma, iniciada pelos gregos e chegando até nós. Assim o nosso dever é modificar essa perspectiva grega pelo nosso modo de viver e de pensar, dando valor ao corpo. Pois, "a natureza - [...] - em nada contribui para o mal do homem: a encarnação não é uma queda."⁸ É antes uma situação de experimentar a condição de "desafio", pois a objetividade, do nosso corpo, nos conduz a lançar-nos em busca da transcendência.

A pessoa não pode, apenas, fixar-se na natureza que a compõem, a sua natureza material. Porém, também não se pode desprezar o corpo, pois é pela consciência de sua corporeidade que se confronta com o mundo. Se não fosse o corpo os filósofos não teriam

⁷ MOUNIER, op. cit., p. 29.

⁸ Idem, p. 30.

feito suas inúmeras elucubrações, se não fosse o corpo os santos não teriam tido tantas experiências místicas. Porém o corpo não é o constitutivo principal, se assim podemos dizer, da concepção de pessoa, mas é por meio de que podemos expressar-nos mesmo de forma limitada.

Considerando as várias experiências que levaram a termo as várias teorizações científicas, podemos dizer que a pessoa foi também de certa forma, afetada por essa pretensão de reduzir a vida a dados exatos, imutáveis, determinados; porém, "o homem escapa-lhe: O homem é um ser natural, mas é um ser natural humano. E, exatamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele pode transformar [...]"⁹

Mounier, tratando do conceito de pessoa, sempre coloca a "relação", a comunicação, como o ponto essencial para compreendermos o ser pessoal. A própria relação da subjetividade (pensamento) e corporeidade (matéria) é uma relação mútua, por ela, somos impulsionados a encontrar-nos com os outros. Diz Mounier:

Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio, ao mundo, aos outros, através dele escapo a solidão de um pensamento que mais não seria do que pensamento do meu pensamento. [...] Acrescentarmos a seguir que um ser que só fosse objetivo nunca atingiria esse acabamento do ser que é a vida pessoal.¹⁰

O ser pessoa passa pelo encontro com uma segunda pessoa. O corpo é a manifestação do ser, no entanto, nos coloca em situação de opacidade, nos impede de viver uma consumação da experiência.

Meu corpo é meu primeiro próximo, o instrumento de aproximação de todo próximo, o intermediário-nato.[...] Pode ser sofrido, ou mesmo levado mas como um objeto, um meio-de, um aparelho-para, e então se torna a mais entulhante, a mais opaca de minhas propriedades, aquela que me ofusca, ao mesmo tempo, a percepção das coisas de Deus, a compreensão de outrem, o conhecimento de si mesmo, e o gosto da vida pessoal. Ou então eu prefiro associá-lo, a título de cooperador, em meu esforço de liberação, por um ato que o salva e o faz participar de todas as dignidades que eu abordo.¹¹

⁹ Ibidem, p. 32.

¹⁰ Ibidem, p.37.

¹¹ MOUNIER, Emmanuel. *O Compromisso da Fé*. São Paulo: Duas Cidades, 1971. p. 29-30.

A comunicação é a ação suprema da realização da pessoa, pois a primeira experiência é a da segunda pessoa. Assim podemos dizer que ser pessoa é comunicar-se, é, acima de tudo, esvaziar-se para assumir com generosidade o outro. Essa experiência é identificada como "primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, adentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o."¹²

Essa experiência, que é fundamental, leva-nos ao reconhecimento de nós mesmos como pessoas e ao reconhecimento do outro. O ser pessoa se confunde com o amor ao outro. Há, portanto, a quebra da idealização que reinava e, ainda, reina no meio filosófico, de que a pessoa funda-se no ser subjetividade. Mas com o personalismo mudar-se o "cogito", o que antes estava na razão passa ao coração. O amor é a nossa manifestação do ser pessoa.

Alicerçados pela nova existência somos chamados a colher o fruto maduro, a comunhão. E essa comunhão se expressa através da vida em comunidade que se apresenta como "la concreción de la relacionalidad mutua, persona a persona; y también, persona a personas, como relación de relaciones".¹³

Nesse processo de vida em comunhão, definido como o encontro de duas faces, devemos também compreender o que é ser pessoa e o que é indivíduo. A pessoa é uma realidade que se apresenta ontologicamente dentro de nós, porém se expressa na relação com outrem. Assim, podemos dizer que somos pessoas a caminho do outro.

A pessoa só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está. Não o conseguirá virando toda a atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornando-se disponível (G. Marcel), e por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros.¹⁴

"O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa"¹⁵. Diante disso podemos tirar a pessoa desse cerco que aperta partindo dos seguintes passos:

¹² MOUNIER, 2004, p. 46.

¹³ MORENO VILLA, Mariano. *El hombre como persona*. Madrid: Caparrós, 1995. p. 94

¹⁴ MOUNIER, 2004, p. 45.

¹⁵ Idem, p. 44.

- 1º. - Sair de nós próprios. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponíveis aos outros. [...]
- 2º. - Compreender. Deixar de me colocar sempre no meu ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. [...]. Ser tudo para todos sem deixar de ser e de ser eu; porquanto há uma maneira de tudo compreender que corresponde a nada amar e a nada ser; dissolução nos outros, não já compreensão dos outros.[...]
- 3º. - Tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, "sofrer na nossa própria carne".
- 4º. - Dar. A força viva do ímpeto pessoal não está, nem na reivindicação (individualismo pequeno-burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa.[...]
- 5º. - Ser fiel. [...] As dedicações pessoais, amor, amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, como sucede na matéria ou nas generalizações lógicas, mas um continuo renovamento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora.¹⁶

Podemos dizer: somos um grande mistério que se manifesta corporalmente e encerrando um profundo segredo. Por isso, "a pessoa não é uma coisa que se pode encontrar no fundo das análises, ou uma combinação definível de aspectos."¹⁷ É o que Mounier chamar de inventariável. É uma presença ativa e sem fundo.¹⁸

A pessoa apresenta-se como exteriorização. Porém não podemos determiná-la apenas por esse aspecto, pois ela é muito mais que isso; é um composto de interioridade e exterioridade não podemos circunscrevê-la a nenhuma dessas dimensões, pois a pessoa é totalidade.

Destacamos aqui a relação e a interioridade como os movimentos mais profundos e nucleares para a elaboração do conceito de pessoa, defendido por Mouniere retomado por nós; chegando, assim, a concepção de pessoa como centro relacional que se expressa no encontro com outro, formando uma comunhão.

2.3 As Dimensões da Pessoa Humana

No tópico anterior delineamos em linha gerais um caminho para se chegar ao conceito de pessoa. Agora deter-nos-emos a explicitar as dimensões da pessoa, apesar de termos apresentado, colocado-nos a explicá-las mais claramente para que possamos alcançar o objetivo proposto neste trabalho.

¹⁶ Ibidem, p. 47-48.

¹⁷ Ibidem, p. 59.

¹⁸ Ibidem, p. 26.

O personalismo de Mounier se apresenta como resposta aos grandes sistemas que se detiveram a reduzir a pessoa, como é o caso do materialismo e do espiritualismo, vistos no capítulo primeiro. Essa resposta pretende colocar a pessoa em seu lugar. Pois, a pessoa é imensurável, não podemos abarcá-la com nossa visão tão limitada. Ela escapa a tudo isso, devido a sua própria estruturação que se configura em três dimensões: vocação, encarnação e comunhão.

[A pessoa] e equilíbrio em comprimento, largura e profundidade, é tensão, em cada homem, de suas três dimensões espirituais: a dimensão profunda que o encarna; a vertical que o eleva ao universo, e a horizontal que o leva a uma comunhão. Vocação, encarnação, comunhão, três dimensões da pessoa.¹⁹

Essas dimensões são indissociáveis. Não podemos ter a pretensão de alcançar o núcleo da pessoa apenas em alguns aspectos da totalidade do ser pessoa. Do contrário, cairíamos no erro de reduzir a pessoa a uma de suas partes como fizeram os filósofos materialistas, racionalistas, espiritualistas e outros.

Nossa tentativa é a de, explicar cada uma das três dimensões, tornado sempre por base Emmanuel Mounier, tomando esse discurso como meio de introduzir o tópico seguinte, onde analisaremos a decadência do conceito de pessoa e a da própria pessoa no nosso tempo, assumindo como ponto de referencia para comparação o documento de Aparecida.

1) Vocação

O termo vocação tem várias acepções, mas, aqui, tomaremos a vocação como o despertar do homem enquanto ser pensante, enquanto ser em-si. É a escuta do chamado para uma unidade, o que não pode ser assumido senão pela própria pessoa.

A vocação é pois, para a pessoa, ao mesmo tempo unificação de si, de seu espiritual independente, recolhimento ao seu secreto, a intimidade, ao privado e abertura do mais secreto de si mesma à transcendência que a explica, sustenta, e chama, sempre conservando totalmente o uso de sua liberdade interior.²⁰

¹⁹ MOUNIER, 1971, p. 63-64.

²⁰ Idem, p. 64.

No personalismo, a vocação é uma das dimensões que serve como alicerce para a construção da pessoa. A pessoa só é, realmente, pessoa se e somente se percebe como vocacionada, pois só através da consciência de si é que o homem poderá assumir-se como pessoa.

É preciso descobrir dentro de nós, sob o amontoado das dispersões, o próprio desejo de procurar essa unidade viva, de longamente escutar as sugestões que ela nos murmura, de longamente escutar as sugestões que ela murmura, de a experimentar no esforço e na penumbra sem nunca estarmos absolutamente seguros de a possuir - o que, mais do qualquer outra coisa se assemelha a um chamamento silencioso numa língua que passamos a vida a traduzir.²¹

Essa volta para dentro de si, essa busca, é justamente, a meditação que Mounier chama, também, de recolhimento. Para alguns, essa atitude contradiz o que foi explicitado no capítulo primeiro, quando tratamos do conceito de pessoa, porém não o é, trata-se apenas de uma conversão de forças, um recuo para que, depois, possamos avançar. E a condição para atingirmos o centro da pessoa de forma direta.²²

2) Encarnação

É a objetivação da pessoa. E a "notoriedade" através da qual ela se põe no mundo. Faz parte da história e, concomitantemente, é responsável por sua construção. Como afirma Mounier:

Minha pessoa é encarnada. Ela não pode ser, pois, se libertar inteiramente, nas condições em que está colocada, das sujeições da matéria. Mais que isto, ela não pode se elevar se não através da matéria. Querer fugir a esta lei é, de antemão, se condenar ao fracasso: quem quer bancar o anjo, banca o tolo. O problema não é evadir-se da vida sensível e particular entre as coisas, limitadas no seio de sociedades através dos acontecimentos, mas transfigurá-las.²³

²¹ MOUNIER, 2004, p. 64

²² Idem, p. 58.

²³ MOUNIER apud VV.AA, op. cit., p.66.

Nessa dimensão, o homem que se conhece interiormente tem que se conhecer exteriormente, pois não tem sentido vivermos como anjos na terra a nossa natureza não nos permite assumir tal postura.

O que ocorre na encarnação é um do tão profundo que é difícil separá-la de sua vocação (interioridade). Uma depende da outra e não podemos pensar uma sem a outra, pelo fato de a exterioridade ser a expressão coerente da interioridade. "A pessoa é uma interioridade que tem necessidade de uma exterioridade."²⁴

Dentro da encarnação há um movimento que é essencial para a percepção da mesma, e a sua sustentação e o engajamento. O engajamento nos toma comprometidos, responsáveis e, por isso mais humanos, mais encarnados. Pelo engajamento conseguiremos modificar a exterioridade, nos formar, nos aproximar dos outros homens e enriquecemos o nosso universo de valores.²⁵ O engajamento é a atualização dos projetos feitos no momento do recolhimento, na meditação. Um homem engajado é um homem que se conhece e se lança em defesa de seus projetos e os dos outros.

3) Comunhão

É a manifestação da pessoa enquanto tal. É o momento em que o subjetivo toma consciência da objetividade, a dele e a do outro, e lança-se. Nessa dimensão somos levados a duas atitudes: 1) a atitude de isolamento e 2) a de exteriorização sem retorno.

Na primeira é o sentimento de que o outro impede de ser pessoa, como afirmava Sartre na sua perspectiva filosófica. A segunda é que ficamos tão presos à exterioridade que não temos mais condições de retorna sobre nós mesmos. Por tanto, nos perguntamos: podemos ser pessoas, no sentido pleno, se nos encontramos em tais situações?

Para Mounier parece que não, pois dentro desse contexto acabamos nos alienado, não nos reconhecendo como pessoas como seres de relação. A saída apresentada por nosso autor é a comunhão. Somos seres de relação, logo, se não vivemos essa dimensão estamos negando a nós mesmos.

A comunhão é o cume da comunicação. Sem a comunicação não há comunhão. E essa comunhão se realiza no amor, que se apresenta como maior certeza do homem.²⁶ Por isso que

²⁴ MOUNIER, 2004, p. 66.

²⁵ Idem, p. 103.

²⁶ Ibidem, p. 49.

caracterizamos a pessoa como ser aberto, mesmo nas suas dificuldades, pois as transcende. A comunhão nasce desse abandono aos outros, nesse perder-se, nessa doação. É arriscar-se e desprender-se sem olhar o preço.²⁷

Por isso, a comunhão é sobretudo ato de amor pois não nos prendemos as imperfeições dos outros, mas os reconhecemos enquanto outros diversos de nós conferindo-lhes liberdade, reconhecendo-os como pessoas. "Por isso a relação interpessoal positiva é uma provocação recíproca, uma mutua fecundação"²⁸, pois, quando vivenciamos a essa relação, somos enriquecidos e enriquecemos a nós e aos outros.

²⁷ Ibidem, p. 87.

²⁸ Ibidem, p. 49.

CONCLUSÃO

Com a pretensão de aprofundarmos a visão de pessoa ao longo do tempo e, mormente, no nosso. Colocamo-nos a refletir o pensamento de Emmanuel Mounier face ao Documento de Aparecida para que, assim, compreendamos a totalidade do ser pessoa.

A compreensão da pessoa deve estar presente diante de nós em todos os tempos desde os primevos aos hodiernos. Isso percebemos visualizando o conceito de pessoa ao longo da história da filosofia com seus vários representantes. O conceito de pessoa é uma realidade que não se exaure, pois o ser que o procura é, tanto, sujeito como objeto, assim aumenta a complexidade de conceituar a pessoa a partir de uma perspectiva, porém dentre as várias que podemos estudar, nesse itinerário filosófico, a que mais nos pareceu coerente foi a perspectiva de Emmanuel Mounier.

Mounier na sua filosofia não tem a pessoa como enquadrada num sistema. Mas a pessoa é, para ele, a comunicação amorosa do seu ser para o outro e do outro para ela, é reciprocidade. A pessoa manifesta-se justamente pela exterioridade da outra pessoa e a recepção da outra. É um movimento que se exprime pelo amor, pela dádiva. Pela renúncia de si e a construção da comunhão. Assim, o olhar de Mounier, acerca da pessoa, é baseada em três dimensões indispensáveis, são elas: vocação, encarnação e comunhão.

Essa concepção de pessoa está inserida na evangelização dos povos, que a Igreja de modo geral se propõe fazê-la que, hoje, mais fortemente a da América-Latina e do Caribe assumem com a publicação do Documento de Aparecida.

Embora a Igreja não assuma em seu corpo doutrinário outra posta a não ser a de Cristo Jesus podemos ver que o Documento de Aparecida (DA), está marcadamente influenciado pelo pensamento personalista, onde o encontro com o outro é determinante para ser pessoa.

No Documento de Aparecida o Outro é Jesus, esse encontro com ele é o acontecimento fundamental para todo o ser pessoa. Pelo encontro com Ele somos levados por essa alegria, constante, a encarna-nos na vida dos irmãos e irmãs, construindo assim uma comunidade de amor, pois a Igreja é essa manifestação desse Amor no mundo.

Contudo, somos enriquecidos por percorremos esse caminho que nos ajudou a amadurecer a nossa vida pessoal e comunitária fazendo compreender que a nossa vida só tem sentido se nos vemos nos outros e a partir de então passamos a vida de forma mais autêntica a opção preferencial pelos pobres e excluídos. Assim podemos que esses estudos intensificaram, em nós, o amor a Jesus Cristo e a sua Igreja, lugar da comunhão, fazendo-nos desejosos se sermos “discípulos missionário de Jesus Cristo” no coração do mundo, transformando a realidade de pecado em vida plena.

A PRÉCISA HUMANA NOVA NA VALORIZAÇÃO NA AÇÃO EVANGELIZADORA DA VIGILÂNCIA

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise crítica da prática da evangelização da vigilância, destacando a importância da precificação humana e a necessidade de uma abordagem mais integrada e humanizada.

ANEXO

1. A Precisa Humana e a Vigilância da Evangelização

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a prática da evangelização da vigilância, destacando a importância da precificação humana e a necessidade de uma abordagem mais integrada e humanizada.

Volando as regras da vigilância, a prática da evangelização da vigilância é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada.

O objetivo da vigilância é a transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada. A vigilância é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada.

Hoje, a vigilância é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada. A vigilância é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada.

Esta prática é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada. A vigilância é uma prática que visa à transformação da vigilância em uma prática mais humana e mais integrada.

A PESSOA HUMANA HOJE: SUA VALORIZAÇÃO NA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Francidilso Silva do Nascimento

1. A Pessoa Humana e a Urgência da Valorização

O conceito de pessoa passa por uma crise profunda e, conseqüentemente, também o sujeito que porta essa denominação. Mas qual será a raiz dessa crise? Será que subsistiremos a ela?

Voltando as nossas atenções para o século XVIII vemos que com o incentivo do livre comércio temos uma sociedade que alimenta a competição e, assim, supervaloriza o indivíduo, fazendo surgir o capitalismo, grande ameaça para o conceito de pessoa.⁵³

O capitalismo, de forma sintética, é o sistema econômico baseado na lei da oferta e da procura que não se resume apenas à mercadoria, mas está ligada, também, a força de trabalho. O fundamento do capitalismo é o liberalismo, a livre iniciativa e não intervenção do Estado. Nesse caso, coloca-se em evidência o lucro e não a relação, destarte a pessoa desaparece nesse "turbilhão" que se manifesta pela subjetividade do indivíduo.

Hoje, o problema, acerca da pessoa, agravou-se ainda mais, pelo fato do desenvolvimento e expansão do capitalismo a nível mundial. As expressões mais significativas desse sistema são as multinacionais e o processo de informatização nas relações comerciais que deram origem a globalização, reafirmação do sistema capitalista, que é definida como a "universalização da produção, da circulação, da distribuição e do consumo de bens e serviços."¹

Esse processo de globalização não atinge apenas a economia., mas se apresenta nos vários âmbitos da vida da pessoa: nas relações, na construção da personalidade, vida social, na

¹cf. Pêrsio Santos de OLIVEIRA, *Introdução à Sociologia*, p. 105

elaboração dos projetos dos indivíduos, no conhecimento, na cultura.

Um exemplo claro disso, para nós, são as várias comunidades virtuais onde nos colocamos diante do outro de maneira ausente, expomo-nos virtualmente, pois o nosso corpo não se apresenta diante do outro.

As relações desenvolvidas pela "rede virtual" podem criar laços, mas será que são verdadeiros? Na maioria dos casos não os são, pois a pessoa se apresenta da maneira que quer e não da maneira que é. Assim, não podemos nos enganar pensando viver de maneira virtual. Somos reais e o corpo é a realidade que as relações fluírem no confronto com o outro que também a possui, vivendo plenamente o nosso ser pessoa.

O outro ponto que destacamos, face a isso, é o individualismo, tornado por nós como a consequência mais profunda e desafiadora do capitalismo, manifestado pela negação da comunhão e a sede de posse, cada vez mais aguçada pelo consumismo.

O indivíduo, dentro do capitalismo, é um sujeito que não tem relações intrínsecas e profundas. É aquele que vai construindo o seu próprio mundo, fechando-se em si mesmo. A manifestação do individualismo hoje são os "singles", fenômeno social recente, no qual o indivíduo abre mão de uma relação comunitária, familiar, vivendo isoladamente e atendo-se somente ao seu trabalho e suas posses.²

Todas essas realidades colocam em "xeque" o conceito de pessoa, por não levar em conta a relação mútua, a comunhão, a comunicação de forma real, e isso nos preocupar, pois não podemos viver sem esta abertura para o outro.

Consideramos portanto, urgente a valorização da pessoa em suas várias dimensões e reconhecemos o esforço de várias instituições, principalmente, da Igreja Católica que, na elaboração de pistas de ação, dá centralidade a pessoa trabalhando as diversas dimensões que a constitui. A mais recente expressão desse amor à pessoa foi o lançamento do documento de Aparecida nos oferece pontos significativos para que a pessoa seja reconhecida e valorizada em sua totalidade. E, assim, passemos a visão da pessoa a partir do documento conclusivo da conferência de Aparecida.

2. A Visão de Pessoa a partir do Documento de Aparecida

Tomando como ponto de partida as dores, que afligem as pessoas de nosso tempo, devido as várias mudanças ocorridas no século passado e que, hoje, colhemos "os frutos", a

² cf. Ibidem, p. 50-51 passim

Igreja na América-Latina e no Caribe realizaram sua V conferência, para justamente, definir pistas de ação a fim de que se tenha uma evangelização que transforme a vida dos povos desse continente.

A Igreja, desde outrora, vem se preocupando pela valorização e a identificação da pessoa. Isso se evidencia no exemplo das primeiras comunidades, onde todos viviam de forma comum⁵⁶ e valorizando os dons uns dos outros³, vivendo o mandamento de Jesus: "amai-vos uns aos outros como eu vos ameis"⁴. Como aprofundamento da experiência das primeiras comunidades e do mandamento do Senhor o Concílio Vaticano II intensificou a valorização da pessoa, considerando-a como ponto de partida da ação salvífica de Jesus Cristo. Nele e por meio dele é que conseguiremos atingir a vida em plenitude na comunhão da Igreja.

Mais próxima de nós, destacamos a encíclica *Deus caritas est* que nos apresenta a pessoa como ser em relação íntima com Deus e o próximo, não podendo viver isolada. Esta é uma experiência do íntimo do coração e é tão forte que não podemos abafá-la.⁵

A Igreja, no fim de século XX e início desse, vem enfatizando em todos os seus escritos a importância da pessoa como o ponto de partida de toda a ação evangelizadora. Esta na América-Latina e no Caribe, vive de maneira privilegiada o desafio de elaborar um plano de pastoral que atenda as necessidades da pessoa, tanto a nível subjetivo como social. Daí, a temática da conferência: "Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, Nele, nossos povos tenham vida".

Nessa temática encontramos o conceito de pessoa de forma mais completo, pelo fato da integração das várias dimensões da pessoa. A pessoa é assumida pela Igreja como totalidade, não podendo fechar-se em uma dimensão, para não cairmos no erro das correntes de pensamento contemporâneo.

É frequente que alguns queiram olhar a realidade unilateralmente a partir da informação econômica, outros a partir da informação política ou científica, outros a partir do entretenimento ou espetáculo. No entanto, nenhum desses critérios parciais consegue propor-nos um significado coerente para tudo o que existe. Quando as pessoas percebem sentir-se frustradas, ansiosas, angustiadas.⁶

O discipulado e a missionariedade e a expressão da pessoa que se encontrou com a Pessoa de Jesus. E a unificação da fragmentação diante da qual se encontra a pessoa, hoje. Por isso, não é um seguimento qualquer, mas é fruto de uma amizade. "Jesus quer que seu

³ cf. Ibidem.

⁴ cf. At 4, 32

⁵ cf. 1 Cor 12, 27

⁶ cf. Jo 13, 34

⁷ cf. BENTO XVI, *Deus Caritas est*, n. 18

discípulo se vincule a Ele como "amigo" e como "irmão".⁷ É essa afeição une os filhos de Deus: "O amigo escuta a Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua Vida(Jesus Cristo) na própria existência (cf. Jo 15, 14) marcando o relacionamento com todos (cf. Jo 15,12).⁸

O discípulo é uma pessoa, portanto é alguém que se sente chamado pelo Senhor. Ele se identifica no Outro. É um vocacionado. O discípulo de Jesus é aquele que vive de forma verdadeira os mandamentos ou preceitos de Jesus, o que anuncia a Boa Nova da esperança e da paz pela sua vivência no meio do povo, que vivencia o amor que Ele, o próprio Jesus, nos doou. É uma pessoa alegre por encontrar um amigo verdadeiro e, essa alegria, não "é um sentimento egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus"⁹, e além do mais é a expressão de "tê-lo encontrado" e "fazê-lo conhecido".

Sabemos, pois, que hoje não é fácil termos essa vivência do discipulado, pelo fato de exigir de nós uma abertura, uma doação total. No documento de Aparecida, constatamos isso enfaticamente, quando se fala de uma mudança cultural, mormente, no que diz respeito a valorização da subjetividade individual, do individualismo, imediatismo, do lucro; enfim, dos fenômenos próprios do nosso tempo.¹⁰

Por serem diversas as propostas hodiernas a pessoa no estar conseguindo unificação, isso pela rapidez ocorre as mudanças culturais, mas a pessoa é unidade. "E o lugar da natureza para onde converge a variedade dos significados em uma única vocação de sentido."¹¹ Assim, termos uma um ser que se constrói no confronto com várias para, assim, elaborar o seu projeto de vida.

A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar razões para a existência podem colocar em movimento o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta. Trata-se de uma afirmação da liberdade pessoal e, por isso, da necessidade de questionar em profundidade as próprias convicções e opções.¹²

"A pessoa é o caminho para evangelização"¹³. Essa afirmação é sinal que outrora a preocupação da evangelização não estava centrada na pessoa. É sinal de que a missão Igreja deve ser resgatar o valor da pessoa por meio dos ensinamentos de Jesus e a aplicação de seu método que é estar com o povo e modificar a suas vidas pelo testemunho de vida. Para isso é

⁸ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 132 p. 72

⁹ Ibidem, n. 132 p. 72

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem, n. 29 p. 29

¹² Ibidem, n. 45-51 pp. 32-34. passim

¹³ Ibidem, n. 42 p. 31

¹⁴ Ibidem, n. 53 p. 35

preciso encarna-se na vida do povo.

O que a Igreja na América - Latina vem propugnando ao longo desse documento é reflexões que deverá sair do campo especulativo e ser aplicado na vida do povo de Deus. Por esse motivo, podemos dizer a partir desse documento existem traços personalistas que acompanham desde a metodologia a atuação da Igreja neste continente. Para evidenciar melhor a relação personalismo e Igreja confrontemos o pensamento de Emmanuel Mounier as conclusões da Conferência de Aparecida.

3. A Filosofia de Emmanuel Mounier e o Documento de Aparecida

Muitas pistas de ação e métodos foram utilizados pela Igreja para enfrentar os desafios acerca da evangelização. Até mesmo elementos da doutrina marxista influenciaram a prática pastoral, porém a nossa pretensão não é acrescentar nada aos propósitos que a Igreja da América-Latina e no Caribe se colocaram a realizar, mas levar o leitor a ver relevância que possui o personalismo dentro do campo eclesial mostrando-lhe alguns pontos comuns entre o Documento de Aparecida e o pensador que estamos estudando neste trabalho.

Os desafios da igreja hoje são os mesmos que Mounier enfrentou no seu tempo. Apesar da pouca evolução tecnológica em sua base eram os problemas que ainda impediam e, ainda, impedem de termos uma sociedade mais solidária e fundada no amor. Ei-los: o capitalismo, individualismo e as mudanças na cultura, enfim os problemas que encerram a pessoa em si.

A semelhança do pensamento de Mounier com o documento de Aparecida se manifesta nas dimensões que comentamos anteriormente, são elas: a vocação, a encarnação e a comunhão; que para a conferência se transformou em vocação, missão e comunhão.

A vocação é a fonte inicial, tanto para a Igreja na América-Latina e no Caribe como para a filosofia personalista. Por meio dela somos impulsionados a construir nosso projeto de vida, no compromisso, na responsabilidade que nos é própria como pessoas, seguidoras de Jesus chamadas a estar com Ele e anunciar a boa nova.¹⁵ A busca já parte de nós, assim como no personalismo, porém é o Senhor que nos chama a nos encontrar com Ele¹⁶ e, na alegria, anunciar o seu projeto salvífico.

É interessante percebemos que nunca o discípulo de Jesus é chamado a viver no isolamento, mesmo os que vivem em uma vida eremítica estão ligados, pelo vínculo da comunhão eucarística, a toda a Igreja. Somos chamados a nos encarnar no meio do povo,

¹⁵ cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 131 p. 72

¹⁶ Ibidem, n. 128 a p. 129

ponto que destacamos de semelhança com o personalismo de Mounier. Pra ele não basta viver uma vida interior, pois a vida exterior pode tomar-se um delírio.¹⁸ Por isso, não podemos projetar uma evangelização que não vá de encontro com os anseios do povo. Nesse sentido podemos dizer que a Igreja não é apenas constituída espiritual-ritual, mas também social, onde se encontra o dever da Igreja, a caridade.

A Igreja nos seus mais diversos carismas é uma das presenças mais marcantes na sociedade e na vida dos indivíduos. E ela é responsável de fornecer o bálsamo, tanto espiritual como corporal, para as dores das pessoas de nosso tempo mostrando os ensinamentos de Jesus pela sua prática caritativa e retidão moral. Porém, é importante reconhecer que existe movimento escusado, por sua opção própria de participar, ativamente, da vida do povo, lutando pela sua liberação política, cultural e outras. Por outro lado, existem, seguimentos pastorais, ao contrário do anteriormente citado, que se colocam numa atitude de fechamento na dimensão espiritual do povo de Deus, fixando-se apenas no aqui agora¹⁹, esvaziando-se do fundamental, Jesus Cristo, única razão e alicerce da vida dos homens.

"Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda"²⁰. Essa frase resume tudo que aquilo que dissermos anteriormente. Pensar na pessoa como discípula de Jesus é ter ciência que não existe discípulo e missionário, como que duas realidades em uma única pessoa, mas o que existe é discípulo missionário, pelo fato do chamado feito por Jesus exigir a disponibilidade de ir a todos os povos e fazer-los discípulos Dele.²¹

A vida no meio do povo de Deus é a ação mais sublime da Igreja de Deus, pois nos sentimos numa comunidade de irmãos, e é de fato. A sua presença nas angustias e tristezas, nas alegrias e nas conquistas do povo²² faz dela "perita em humanidade"²³ e, assim, mas parecida com o seu Mestre, Jesus Cristo. Os muitos movimentos, congregações, e seguimentos diversos da Igreja são expressão visível da presença da Igreja no mundo.

"A Igreja é comunhão no amor".²⁴ Comunhão de Deus com o seu povo e do seu povo com Ele. Essa dimensão da comunhão apresentada pela Igreja, e fortificada pelo pensamento de Mounier, é de suma importância para que todos nós seus filhos vivamos de forma autêntica a nossa vocação e nossa missão. "Só há discipulado em comunhão"²⁵. Não podemos pensar

¹⁵ Emmanuel MOUNIER, *O personalismo*, p. 66

¹⁶ cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 313 p. 143

¹⁷ Ibidem, n. 146 a p. 76

¹⁸ cf. Mt 28, 19

¹⁹ *Gaudium Spes*, n. 1

²⁰ PONTÍFICIO CONSELHO DE "JUSTIÇA E PAZ", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 61 p. 46

²¹ cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 161 p. 84

²² Ibidem, n. 156 a p. 82

em ser discípulos sem urna comunicação profunda da unidade do amor expressa em Cristo.

Por isso, não pode crescer se cada membro, grupo ou movimento arrogar para si a posse do Cristo. Não podemos viver sectariamente, pois não construiremos, de forma nenhuma, a comunhão, identidade da Igreja. Esse desafio que enfrenta a Igreja para Mounier assola toda a humanidade⁷⁸. É preciso, portanto, entender que servimos a um único Senhor, presente na comunhão eucarística e, só através da vivência dela, chegaremos a construção de uma nova civilização.

Por tanto, "o desafio da Igreja hoje, é acolher o diferente"⁷⁹. A diversidade de dons de carismas e de pessoas torna desafiadora a realidade eclesial, no entanto só ha um caminho, amar ao Senhor por meio dos irmãos. E, entenderemos que a missão da Igreja não é trabalhar apenas uma dimensão da pessoa, mas se comprometida com a pessoa toda, pois, se não for, assim não teremos uma evangelização consistente. Nemtão pouco uma comunidade de "discípulos missionários de Jesus Cristo" comprometidos com os desafios do mundo nem com a pessoa, centro de onde e para onde deve se voltar toda a ação evangelizadora da Igreja.

⁷⁸ cf. Emmanuel MOUNIER, *O personalismo*, p. 115-139

⁷⁹ Pe. Juarez Sousa da SILVA, *Homilia da tríduo em honra a São João Maria Vianney*, em 22 de setembro de 2007.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNADO, Nicola. **História da Filosofia**. 4. ed. Lisboa: Presença, 2000.
- AUDI, Robert (coord.). **Dicionário de Filosofia Cambrigde**. São Paulo: Paulus, 2006.
- DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismo e Anti-Humanismos: Introdução à Antropologia Filosófica**. 13. ed. Petropolis: Vozes, 1994.
- FORTE, Bruno. **A escuta do Outro**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GALANTINO, Nunzio. **Dizer homem hoje: caminhos da antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GARCÍA RÚBIO, Alfonso. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HELFERICH, Christoph. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fortes, 2006.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARIAS, Julian. **Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1985.
- MOIX, Candide. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.
- MONDIN, Batista. **O Homem que é ele?: elementos de antropologia filosófica**. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- MORENO VILLA, Mariano. **El hombre como Persona**. Madrid: Caparrós, 1995.
- MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- _____. **O Compromisso da Fé**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- OS PENSAMENTOS ORIGINÁRIOS: Anaximandro, Parmênides e Heráclito**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PASCAL, Blaise. **Os pensamentos**. São Paulo: Vozes, 1979.

REALE, Giovanni; ANTERIERI, Dário. **História da Filosofia**. v. 3. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **História da Filosofia**. v. 1. São Paulo: 1990.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. 1. São Paulo: Loyola, 2001. 11 v.

VILELA, Orlando. **A Pessoa Humana no mistério do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1968.

VV.AA. **A Presença de Mounier**. São Paulo, 1969.

VV.AA. **Persona e Personalismo**. Padova: Gregoriana, 1992.